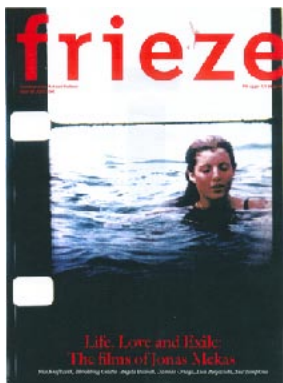


CLIPPING DO 15º VIDEOBRASIL, 2005

[principais reportagens]

REVISTA >>



BACK

SESC SA Paula Bossa

Given that the 15th Videobrasil was hosted in S&S Paula's sprawling, Lina Fu Ranchi-designed SESC arts complex, and that it featured the work of 200 odd artists, one might have expected it to take up a bit of space. This, though, was not the case. In place of the usual hangars full of humming projectors and hushed fluidal seating, curator Solange Parkes offered a modest glass-walled exhibition space, an outdoor lawn overlooking road, and (initially) a video library where visitors could pick any piece from the festival and view it on their own personal monitor. No social bleed, as beginning to watch a work when it's already halfway through can be like the thin line even the most linear of videos into a nightmare of sub-Tarantino nihilist nihilism. This was an elegant solution to limited space, and one that appropriate to the medium it presented – a sort of iPod terminal.

With some huge international exhibitions after their own image, and you find a palpable sense of ecstacy. They seem somehow shakier about the rules, all blown light bulbs and broken AV equipment, as though opening to the public were nothing more than a grudging gesture for the sake of the VIP presence. The very Videobrasil avoided this by choosing to present a rolling programme, with fresh works screened every evening and performances (notably by Coco Fusco, Eugenio Ibañez and Detonika Lina) and workshops staged throughout the three-week run. This may seem like a small detail when rubbed up against the grand stuff of, say, theatre ambition, but it speaks of the festival's thoughtful demo-

cratic intent. Thronging with artists, curators and (they'll claim) visitors, every night of SESC was opening night.

While Videobrasil's structure was inspired, the quality of the works on show was wildly variable, with nearly equal quantities of diamonds and dross. In a sense the open-submissions policy of the festival's principal strand, 'Southern Panorama', which focused on the work of emerging artists from the southern hemisphere, made this inevitable and led to a programme that made up for anthropological interest for what it lacked in internal cohesion. (Fast-forwarding through the hundreds of submitted works, the most common tropes seemed to be a Dorothea Gonzalez Pöster-type emotional geography, screen-star aesthetics and the fetishisation of men.)

The festival, then, may have been an electric jungle, but navigational tools were available in the form of its workable base of recommendation and chatter. With a few nods and winks from other visitors one could even one's own show, which in a show in the video library, full of fantastic works such as Federico Lamas' *Rage* (2004). Here a simple travelling shot follows a couple who stroll in different directions following an argument, their dog running helplessly between them like an avatar of lost loyalty. It could be a scene from a Wes Anderson movie, if Anderson could be relied on to strike the perfect balance between whimsy, humour and heartbreak. Equally memorable, but in a very different way, was Cao Guimaraes' *Corcovado* (2004), a film in which we see a rainforest through various colour-



Axel Weiss, Laura Caffarel and Thiago Villas
Operação Ocaso de Trás (Operation Trojan Horse) (2004) Video still

filters, as though its trees have evolved some sort of up-to-date system of photo-synthesis with which they'll make themselves even more shockingly beautiful, the better to draw our attention to our new brutal ecological vandalism. The politics of landscape also came into play in Roberto Belluati's *Landscape Theory* (2004) in which the artist films the fields and skies of the American Midwest. As his lens hovers over the pink clouds, we hear an off-screen voice command him to put down his camera, for 'that looks over-rotted on a recent gathering footage of the nearby team. Perhaps such attitudes are what inspired Nerine Nicks' queerness in her excellent *Several Intergate Ways to Say and Go to Say*, a collaboration with Jeremiah Day in which the artists attempt to teach a class on the history of Israel. Day is too cautions, but when he begins to question the Torah: 'Thee (do you want to talk about Palestine... do you want to talk about Arab youth?)' she keeps silent. Sometimes all time, a refusal to turn one's life into one of a number of competing narratives, is the only form of political resistance there is.

Perhaps the strongest work in Videobrasil, though, and the one most emblematic of its sometimes brilliant, always unpredictable openness, was Axel Weiss, Laura Caffarel and Thiago Villas' *Operação Ocaso de Trás* (Operation Trojan Horse, 2004), a documentary about kids from Brazil's favelas attempting to crash a large scale rave. Tucked back again and again by an army of bouncers, they eventually invade their way in. Asked by the bouncers why he hasn't thrown them out, the head bouncer replies simply: 'Because they are working.' The best parties, it turns out, are open to everyone, whether they've bought a ticket or not.



Federico Lamas
Rage (2004) Video still

15th Videobrasil International Electronic Art Festival



Panorama atual

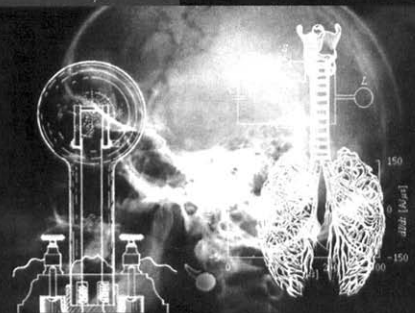
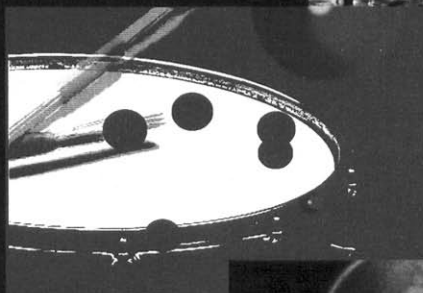
Com novidades na programação e na proposta, a 15ª edição do Videobrasil – Festival Internacional de Arte Eletrônica apresenta trabalhos de vários estágios de maturidade, experimentalismo e inovação

Realizado há 23 anos pela Associação Cultural Videobrasil, o Festival Internacional de Arte Eletrônica foi o pioneiro na identificação das particularidades comuns à produção em vídeo da América Latina, Caribe, Europa Oriental, África, Sudeste Asiático e Oriente Médio, o que a curadoria chama de circuito sul. “Quando a gente fala em sul, trata-se de um recorte totalmente geopolítico”, explica a jornalista Solange Farkas, curadora do festival. “Senão vão pensar que a gente é ignorante em geografia”, brinca. “É mais essa idéia de eixo sul, mesmo. Para pararmos de falar em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.” Realizado em parceria com o Sesc São Paulo desde 1990, o Videobrasil chega à 15ª edição com programação expandida e importantes mudanças estruturais. “Já não existe uma homogeneidade na produção desse circuito sul como existia no passado. Por isso foi necessário criar recortes que dessem conta dos diversos níveis de maturidade que os trabalhos apresentam. Sendo assim, pela primeira vez, a mostra competitiva *Panoramas do Sul* se subdivide em três eixos: *Estado da Arte*, *Investigações Contemporâneas* e *Novos Vetores*.”

Outra novidade é que o festival não concentra mais suas atrações na primeira semana de setembro, como de costume. Desta vez, os trabalhos poderão ser conferidos ao longo de três semanas, seguindo os recortes criados. *Estado da Arte* acontecerá de 6 a 11 e será responsável por abrigar obras que reflitam maior proximidade com a arte eletrônica. “Esse módulo diz respeito aos trabalhos de pessoas que já estão com uma obra mais madura”, explica Solange. “Trabalhos totalmente engajados no circuito das artes e que já passaram por várias experiências nessa relação entre arte e tecnologia. Ou seja, que estão inseridos totalmente no circuito.” *Investigações Contemporâneas* ocupará a semana de 13 a 18 e talvez seja a mais instigante novidade, dado seu caráter experimental. Solange adianta: “São trabalhos que dizem respeito diretamente a processos de pesquisa dessa relação entre arte e tecnologia. Neles, é possível perceber a consistência do conceito, do pensamento, você vê que o trabalho não está pronto para entrar no circuito estabelecido das artes, o circuito ainda não está apto a absorver isso porque ainda é laboratório”. Por fim, *Novos Vetores*, que apresenta vídeos realizados por artistas com menos de 30 anos, propõe mostrar, de 20 a 25 de setembro, o que os mais jovens têm produzido na área. “Esse módulo abriga artistas que não são jovens na experiência artística, mas na relação entre a arte e a tecnologia. São trabalhos vindos do Caribe, da África, do Sudeste Asiático etc., alguns dos muitos que têm chegado. No ano passado eu tive de excluir

muitos trabalhos dessas regiões que não tiveram condições de entrar e que neste ano estão presentes justamente porque existe um espaço claro e definido para eles.”

A área de exibição também foi ampliada, com a construção, no Sesc Pompéia, de um auditório de 190 lugares e mais uma *play gallery* – algo que pode ser traduzido como uma galeria especialmente pensada para a projeção de obras em vídeo – de 150 metros quadrados, com telas de plasma. A programação paralela do festival inclui a apresentação de nove performances, seis debates e três noites comandadas por VJs. Confira as datas no *Em Cartaz*.



Fotos: Videobrasil/Divulgação

De cima para baixo: Five Pictures Of A Seated Woman, do argentino Iván Marino, selecionado para o módulo Estado da Arte; Red Exp: Dance With Miss Betty Nº 1, de Matej Ocepek, da Eslovênia, parte de Investigações Contemporâneas; e Anatomia de Una Mariposa, parceria entre Bolívia e México, de Adriana Bravo e Andrea Robles, que pode ser visto na mostra Novos Vetores



PERFORMANCE É RISCO

A 15ª edição do Videobrasil inclui importantes trabalhos de artistas que testam, ao vivo diante do público, as fronteiras desta forma de expressão e os limites da arte
POR FERNANDO OLIVA

Se existe um tipo de expressão que notoriamente conseguiu escapar a uma definição mais rígida ao longo da história da arte, este é a performance. Apesar de ser geralmente associada a qualquer ação realizada ao vivo por um artista, certamente sua natureza anárquica impediu que ela se acomodasse a uma categorização definitiva, uma vez que entre suas características está o desafio sistemático ao tradicional e consagrado. Recorrendo a uma combinação de elementos do teatro, da música, do cinema e, apenas em alguns casos, das artes plásticas, a performance surgiu para colocar em xeque as ideias que temos sobre o que é arte, qual o papel do artista e de que maneira ele deve se posicionar publicamente — seja ao se afastar dos ambientes controlados das galerias e museus, seja ao negar o objeto tradicional (pinturas e esculturas, por exemplo) e buscar uma relação direta com o espectador.

Em mais uma oportunidade para voltar a discutir o assunto e todas as contradições inerentes a ele, a 15ª

edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, concebido pela curadora Solange Farkas, adota o "risco" como tema e promove, em São Paulo, entre os dias 6 e 25, uma extensa programação marcada pela exibição de performances ao vivo (caso das artistas internacionais Coco Fusco, Melati Suryodarmo e Ingrid Mwangi) e dos coletivos brasileiros Frente 3 de Fevereiro, feitoamãos/F.A.Q. e Chelipa Ferro, além de Marco Paulo Rolla e da dupla Ângela Detanico/Rafael Lain) e retrospectivas históricas (módulo no qual se destaca uma série de 19 videoperformances emblemáticas da servo-croata Marina Abramović, uma artista que transformou o "risco" em palavra de ordem e tensionou ao extremo os limites entre sua vida e sua arte).

No século 20, a ideia de performance e sua prática como gênero artístico atravessaram diversos movimentos, desde o Futurismo nos anos 1910 (notadamente o poeta, artista e dândi Tommaso Marinetti, com a apresentação da peça futurista *Bonecas Elétricas* em Turim) até as recentes manifestações em novas mídias,

O brasileiro Marco Paulo Rolla apresenta, dia 22, no Sesc Pompéia, *Urgência Social*, que discute as transformações na afetividade; na foto, *Comfortable*, trabalho de 1998

88 BRAVO! SETEMBRO 2005



Um clássico: os parangolés de Hélio Oiticica, do final dos anos 60, integram corpo, pintura, cor, música e dança

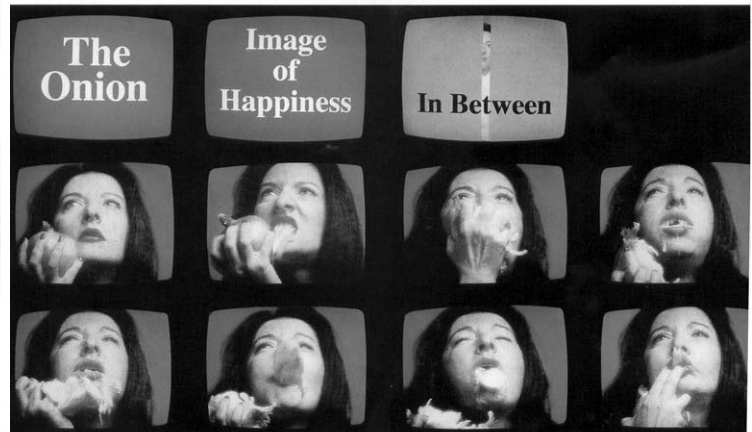
passando pelas vanguardas do Construtivismo, Dadaísmo (Cabaret Voltaire) e Surrealismo. Contudo, o termo só surgiu com esta denominação dentro do universo da arte contemporânea entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970. Como toda disputa no campo da cultura, sua paternidade envolve questões geopolíticas. Para os franceses, Yves Klein deve ser situado na gênese da ideia contemporânea de performance, com a celebre fotomontagem *Salto no Vazio* e com as *Antropometrias* (ao som de uma orquestra tocando música minimalista, três modelos nus cobertas de tinta azul faziam imprimir parte de seus corpos em telas, que a seguir seriam emolduradas pelo artista), ambas criações de 1960. Já os americanos colocam Jackson Pollock na origem de tudo, em uma leitura que privilegia o vocabulário gestual do Expressionismo Abstrato e o caráter performático (sua postura corporal e movimentação em torno da tela,

ações amplamente filmadas e fotografadas) na maneira de executar os *drippings* (a tinta era violentamente "espirrada", e o pincel não tocava a superfície). Para os alemães, o vetor da performance é Joseph Beuys (Como *Explicar Arte para uma Lebre Morta*). Piero Manzoni e sua série *Escultura Viva*, para os italianos.

Crítica aos EUA e à guerra

Na programação do Videobrasil, uma das performances imperdíveis é a de Melati Suryodarmo (artista da Indonésia radicada na Alemanha, que integrou o coletivo de Marina Abramović, Independent Student Group). Em *Exergie – Butter Dance*, a artista tenta caminhar, usando salto alto, sobre uma superfície coberta com grossas camadas de manteiga, na iminência da queda. "Prendo tocar a fluida fronteira entre o corpo e seu entorno. Quero algo concentrado de intensidade, sem apelar ▶

The Onion, videoperformance de Marina Abramović, artista que transformou o risco em palavra de ordem e tensionou ao extremo os limites entre sua vida e sua arte



Em *Exergie – Butter Dance*, a artista Melati Suryodarmo tenta caminhar, usando salto alto, sobre uma superfície coberta com grossas camadas de manteiga

Momentos históricos da performance

Cabaret Voltaire. A dançarina de cabaré Emmy Hennings e seu marido, o artista Hugo Ball, ambos alemães, fundaram em Zurique este que seria o *point* dos dadaístas. Aberto em fevereiro de 1916, durou apenas cinco meses, mas as ações lá realizadas por Tristan Tzara, Jean Arp e outros causaram choque e entraram para a história como propostas pioneiras de antiarte, influenciando movimentos como o Surrealismo e o Fluxus.

Chris Burden. Um dos protagonistas do que se convencionou chamar *body art* e suas operações de automutilação e uso do corpo como objeto da arte, o norte-americano Chris Burden realizou uma série de experiências radicais, fazendo-se crucificar (sobre o capô de um fusca), ser eletrocutado e quase morrer afogado. Em *Shoot* (1971), pede a um colega que atire em seu braço esquerdo. Em *Through the Night Softly* (1973), rasteja com o torso nu sobre cacos de vidro.

Marina Abramović. Artista que encarna visceralmente a noção do risco (tema deste Videobrasil), a servo-croata Marina realizou em 1977 *Breathing In/Breathing Out*, em que estabelece uma relação de simbiose com seu parceiro Ulay. Sentados ambos de joelhos, de frente um para o outro, os lábios unidos, tendo as narinas tampadas por filtros de cigarro, dependem um do outro para respirar. Como sempre em suas ações, vão até o limite das forças e terminam exaustos, após 19 minutos de inspiração/expiração conjunta.

Hélio Oiticica. Os parangolés do artista brasileiro (tendas, estandartes, bandeiras e capas de vestir, criados no fim dos anos 60) dependem do movimento humano para existir e conquistar seu lugar no mundo. Pressupõem uma manifestação cultural coletiva e integram corpo, pintura, cor, música e dança. No limite, a arte e a vida.

▶ para o uso de estruturas narrativas. Eu amo quando a performance chega a um nível real de absurdo", disse Melati a BRAVO! sobre sua obra.

O trabalho da americana Coco Fusco para o festival, *Bare Life Study*, consiste em citar um dos flagelos comuns impingidos pelos soldados americanos a seus prisioneiros de guerra pelo mundo: limpar a cela com uma escova de dentes. Segundo Fusco, será escolhido um prédio emblemático do poder norte-americano em São Paulo, o consulado ou uma multinacional, e a performance será executada com voluntários, que devem limpar a calçada e demais aparatos urbanos diante do edifício. "Este trabalho inaugura uma nova fase em minha trajetória: a exploração dos cenários militares contemporâneos como lugar de encontros interculturais", afirmou Fusco a BRAVO!

A performance sempre funcionou como uma possibilidade propulsora na história da arte. Como lembrou a historiadora norte-americana RoseLee Goldberg,

sempre que alguma escola, seja o Cubismo ou a arte conceitual, chegava a um impasse, os artistas se valiam da prática como uma ferramenta de arrebentar categorias, abrindo a força o caminho para novas propostas. Neste sentido, podemos apontar para os americanos Matthew Barney e Paul McCarthy e o italiano Maurizio Cattelan como os grandes performers contemporâneos, bem-sucedidos na tentativa de criar universos estéticos e conceituais muito próprios, com obras de forte acento político, marcadas pela paródia mas também por uma amarga crítica ao sistema da arte. ■

Onde e quando

15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil. De 6 a 25. Sesc Pompéia (rua Clélia, 93, São Paulo, SP. tel. 0+55/11/3871-7700). Mais informações no site www.videobrasil.org.br.

ARTE ELETRÔNICA

A POLÍTICA TOMA O VIDEOBRASIL

O **Festival Internacional de Arte Eletrônica** nasceu marginal, cresceu alternativo e chega aos 15 anos de vida com jeitão cada vez mais politizado. A 15ª edição, que começa na terça-feira e se estende até 25 de setembro, no Sesc Pompéia, em São Paulo, reúne 130 trabalhos – incluindo vídeos e performances – de mais de 20 países, muitos deles com uma pegada política. “A arte eletrônica foi deixando de olhar apenas para o umbigo e passou a olhar o mundo”, define a curadora Solange Farkas. “Por ser uma arte direta, imediata, ela tem muita facilidade em abordar temas atuais. Tenho a sensação de que, depois do 11 de setembro, mais e mais trabalhos tratam dos processos políticos e sociais do globo.”

A performance de abertura, *Futebol*, do coletivo 3 de Fevereiro, por exemplo, lança mão do episódio que colocou no centro

do campo do racismo o jogador Grafite e o argentino Desábato. E, para dar a largada à mostra competitiva, foi escolhido *Filme de Guerra*, em que Wagner Morales tenta desmontar os clichês das produções desse gênero. “Se antes a produção causava algum estranhamento, hoje as coisas mudaram, até porque o vídeo, as imagens exploradas pela arte eletrônica estão presentes no cotidiano de todo mundo”, aposta Solange. –APS



LINGUAGEM. A performance *Tanque*, de Marco Paulo Rolla

JORNAL >>

VIDEOBRASIL

Começa a maratona de arte eletrônica



Por André Moraes

Este ano, mais uma vez, o mundo das artes eletrônicas se reúne em São Paulo para celebrar a 15ª edição do festival VideoBrasil. O evento, que acontece de 6 a 12 de setembro, é organizado pelo Sesc Pompéia e pela Galeria de Arte Contemporânea de São Paulo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.



Este ano, mais uma vez, o mundo das artes eletrônicas se reúne em São Paulo para celebrar a 15ª edição do festival VideoBrasil. O evento, que acontece de 6 a 12 de setembro, é organizado pelo Sesc Pompéia e pela Galeria de Arte Contemporânea de São Paulo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

GRITIVO DO EVENTO: É SER VITRINE PARA A PRODUÇÃO DOS PAÍSES PERIFÉRICOS

Uma das principais razões para a realização do festival é a necessidade de criar uma vitrine para a produção artística dos países periféricos. O festival oferece uma oportunidade para que artistas de diversas partes do mundo possam apresentar suas obras e serem reconhecidos internacionalmente.

O festival, em sua 15.ª edição, tem como tema a performance e apresenta, durante três semanas, no Sesc Pompéia, mais de 130 obras de diversas partes do mundo



O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo. A programação inclui performances, instalações, vídeos e obras de arte digital. O festival é considerado uma das principais feiras de arte eletrônica do mundo e atrai artistas de diversas partes do mundo.

15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil destaca política e performan

MENSAGENS políticas

ANÁLISE DE LUCAS
LAVARETTI

Dele é o autor de um vídeo de 1997, "A Liberdade é uma coisa que se compra", onde o artista se transforma em um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil



Detalhe do vídeo "In This House", de Marwan Abaza. O artista, que está no vídeo, pergunta ao vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

Video registra memória libanesa

Reportagem de

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

Coletivo questiona racismo no futebol

Reportagem de

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

A obra, lançada em 1997, mostra um personagem que pergunta a um vendedor de uma loja de roupas, "Quanto custa a liberdade?".

15º VIDEOBRASIL *Coco Fusco convoca 50 "prisioneiros de guerra" para "escavar" representação norte-americana em SP*

Performer quer 'limpar' consulado dos EUA

SABIDA MAIS

Artista acredita que performance supera a mídia

DEBORA FERREIRA

Condições de poder e de controle, sejam nos relacionamentos de trabalho em uma empresa nos Estados Unidos ou Ministério do Trabalho do Brasil, são temas que permeiam o trabalho do artista Coco Fusco, 45, professor de história da arte, membro do Departamento de Artes e Artesãs da Universidade de Columbia, em Nova York.

Além de suas atividades pedagógicas, Coco Fusco também atua como consultora em arte, influenciada por artistas como Marina Abramovic, Hannah Arendt e a mídia de investigação, não só em projetos artísticos, mas também em pesquisas operacionais no setor de inteligência.

ADRIANA FERREIRA
FOLHA DE S. PAULO

Hoje à tarde, cerca de 50 prisioneiros de guerra são limpezados suas escovas de dente e colocados em frente ao Consulado dos Estados Unidos. No comando, estará o "militar" Coco Fusco. Considerado o pai da Videoarte, o performer usa uma tuta à oculto em uma instalação, "Beas Life Study # 1", na qual investiga os temas de interrogatório e simulação em história dos Estados Unidos. Uma instalação com uma tela exibindo a Folha — em um espaço "quase" totalmente voluntário.



Folha - Você está em meio de uma performance?

Coco Fusco - Não, não estou fazendo uma performance e um deles é o meu parceiro brasileiro. Também diria de mim mesmo.

Folha - O que é isso e qual sua performance?

Fusco - Estou interessada no poder de limpar os dentes, especialmente nos contextos que representam o sistema. Observando o que acontece no mundo inteiro



Coco Fusco (de botas) com de seus voluntários simulam a performance na Avenida Paulista

e no cinema. Não é um país, são indivíduos, indivíduos que vivem em uma única realidade.

Folha - E qual o papel do seu trabalho?

Fusco - No projeto de Guantánamo (base norte-americana em Cuba), as análises interrogatórias

por exemplo, usam o sono. Elas se vestem com roupas para camuflar os prisioneiros e outros. Há um tipo de interrogatório que usam sempre denominação falsa, porque no final não é permitido usar outra palavra relacionada, com a utilização de

palavras que não são permitidas (isto). Nunca passou por muito tempo e você poderia ser usado dessa forma. Portanto, eu vivo em essa cultura. Uma situação de crescimento dos militares na guerra.

Folha - Qual o seu papel nessa

essência!

Fusco - Eu sou o pai do grupo de interrogatórios simulados, que trabalham para o Exército dos Estados Unidos e que é usado para interrogatórios. Eu não sou militar e, na primeira parte, simulamos um prisioneiro de guerra. Depois, aprendemos técnicas de interrogatório. A ideia era fazer esse processo e ver qual seria a melhor maneira de interrogatório, além de fazer o filme e isso representa a performance.

Folha - Onde está a ação em SP?

Coco Fusco - Parte da performance é a preparação dos Estados Unidos, mas a performance acontece em uma situação em que a sua vida começa, sem saber o que é a guerra e isso, além de tudo, é um jogo para fazer uma situação. Quando a situação que não é parte da vida real, é a situação simulada para a obra.

"Beas Life Study # 1"

Quando hoje, às 17h, há uma performance no Consulado dos Estados Unidos, na Rua do Comércio, 100, Centro, São Paulo, SP.

ILUSTRADA



Francois Kopp/Folha Imagens

Coco Fusco (à dir., de megafone), durante a performance

'Prisioneiros' limpam a rua de Consulado

Performance de artista durou 20 minutos

ADRIANA FERREIRA
DA REPORTAGEM LOCAL

Sob um sol de rachar, 50 "prisioneiros de guerra" vestidos com uniforme laranja limpam com escovas de dente a rua em frente ao Consulado dos EUA, na Chácara Santo Antônio. À frente, uma "militar" de óculos escuros comandava a ação com um megafone.

A inusitada cena ocorreu ontem, no início da tarde e, durante 20 minutos, deixou perplexas as pessoas que aguardavam na fila do consulado. Os presos, na verdade, eram estudantes da oficina de performance do festival Videobrasil, e participavam como voluntários da intervenção artística promovida pela artista norte-americana Coco Fusco — a mi-

litar que comandava a tortura.

A performance fez parte de pesquisa sobre as técnicas de interrogatório usadas pelo Exército dos EUA com os prisioneiros de guerra. Entre as rotinas, diz Coco Fusco, está a de fazer os presos limparem as celas com escova de dentes.

"Ação deprimente. Faz a gente se sentir mal", comentou a gerente de marketing Jeanine Gloschowski, 30, na fila para renovar o visto. "Não exprime nada, só humilhação."

"Não entendi nada. Fiquei com medo de que prejudicasse a entrada, vim buscar documentos", contou a administradora Lilian R., 23, que não quis se identificar. "Acredito que seja contra os prisioneiros nos EUA", afirmou o agente de turismo Jaime Bastos, 46.

11 de setembro de 2005
Tel: (11) 3247-3494 Fax: (11) 3247-4777
www.folha.com.br

FOLHA DE SÃO PAULO
mais!
nº 706

São Paulo, domingo
Rua Marques de São Paulo, 149, 4º andar, São Paulo, SP 01308-900

Os dez +

Uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno

Foto: R. Augusto



Cena de "Banhos", de Louise Cervo, parte do 15º Videobrasil

FESTIVAL 15º Videobrasil

A mostra competitiva do festival de arte eletrônica apresenta 130 trabalhos, exibidos de quarta a domingo, sempre às 20h, no auditório do Sesc Pompéia (tel. (11) 3067-9371/9370). O tema desta edição é prática e performance, com mostras temáticas dedicadas à produção dos artistas Coco Fusco, Ingrid Mwangi, Marco Paulo Roló, Melati Suryodarmo e Verônica Abramovic. Desta última, no-me-central de "Teleduvid", é apresentada uma extensa antologia de registros de performances. A programação completa está em www.videobrasil.org.br.

VISUAIS *Performance critica violência*

Mineiros explodem Kombi no Videobrasil

DA REPORTAGEM DE CAI

O coletivo mineiro feitoamãos promoverá um atentado hoje à noite, no Sesc Pompéia. A nova obra do grupo, a performance "Carro-Bomba", estreia como destaque do festival de arte eletrônica Videobrasil.

Sincronizando música e imagem, eles realizam o que chamam de "cinema expandido". "É bastante diferente do trabalho do VJ", explica Rodrigo Minelli, 40, integrante do grupo. "É uma narrativa não linear, em que a música e o vídeo dialogam o tempo inteiro", diz ele.

O público será envolvido por imagens projetadas em três telas, que reúnem cenas como a de uma Kombi indo pelos ares — o próprio grupo comprou o carro e o explodiu. "O público constrói a história com a gente. Têm que escolher para onde olhar", afirma.

Além de explodir o carro, o processo de criação incluiu entrevistas para saber o que as pessoas pensavam sobre a possibilidade de se confrontar com um atentado terrorista. "Essa idéia do carro-bomba está na mídia, mas ge-

ralmente não causa horror, porque está muito distante", conta Minelli. "A política da violência está presente em nossas relações cotidianas, independentemente de estarmos no Iraque. O medo de que algo violento possa vir a acontecer é iminente."

O outro alvo do feitoamãos é a imprensa. "É uma crítica a esse cotidiano da violência e ao papel que a mídia tem de alimentar isso", fala Minelli, lembrando também da frase de um amigo que foi um dos motes para o trabalho: "Todo dia a mídia estraga um pouco meu dia".

Responsável por alguns dos trabalhos mais contundentes do cenário de live-images, o feitoamãos existe desde 1999, criado por designers, produtores e videomakers para experimentar novas linguagens audiovisuais. Nesta performance, eles contam com a participação do músico Wilson Sukorski. (AF)

Carro-Bomba

Quando: hoje, às 21h

Onde: Sesc Pompéia Jr. Clélia, 93, Lapa, tel. 7871-7700

Quanto: entrada franca

ANÁLISE Lançamento de DVD com trabalhos de Marina Abramovic, entre outros nomes, se destaca dentro do festival em SP

Videobrasil consegue ir além das performances políticas

ESTER HERRERA
FOLHA DE S. PAULO

É TEMPO em que ação política se tornou o nome e o conteúdo de cinema, das galerias de arte e em outras demonstrações — o II de Setembro ainda é o exemplo maior —, a feira de Videobrasil na performance é um instrumento de intervenção no espaço público. Na, em suas diferentes possibilidades de relação criativa e múltiplas, através de uma reatualização de práticas em vídeo e outras mídias.

A marca do vídeo se tornou o território de intervenção audiovisual. Essa segunda semana, nesta noite de hoje, com a performance do Rêveries, sobre vídeo especificamente dedicados à experimentação.

Além das 15 cartas que serão exibidas no cinema depois entre hoje e domingo, o evento na Sala São Paulo iniciará no ar-

quitano das intervenções mais duradouras com o lançamento do primeiro volume de "Nadaró Vidualismo" — curadoria de Ph— e de um DVD com uma retrospectiva de performances apresentadas em 19 anos em cinco volumes.

Em retrospectiva do vídeo e 125 dias publicações, o festival oferece uma ampla revisão da história recente da arte do cinema e um grande poder que abarca desde os primeiros trabalhos de "Terrorífico", de 1978, e do filme, uma cronologia que estabelece 1980 e "Uma História de Almas Justas", como marca inicial do gênero de manifestações visuais, que marca a vida, o corpo e o tempo, muitas vezes do sujeito criativo, como suporte de experiências que afetam o público.

A série de trabalhos de Marina Abramovic, Marina Abramovic, com seu irmão e parceiro, Ulay, rememora nos anos 70 a experimentação das relações no nível mais básico das relações — o amor e o

Em "Bizarro Brasil", o vídeo, finaliza finalmente, com uma coreografia mas a história de um espetáculo de dança que, entre eles, apresenta uma nova apreciação do vídeo artístico de sua própria imagem.

O conceito é dramático, mesmo que não precise do corpo e o vídeo, do vídeo, em 1977, na Suíça.

A curadoria de Ana Bonfante, que encerra o primeiro volume de "Videobrasil", também elabora sobre as limitações e possibilidades da função a performance. O trabalho de alguns dos vídeos contém ações que representam a morte que sempre há e água pela corrente e o vídeo.

"Mentecaptação" documenta o processo a associação de um movimento em direção do vídeo Hércules Uzeda. O trabalho abre a possibilidade de um movimento de um corpo de vídeo e vídeo.

Em "Men and Her", obra de Marina Abramovic, o vídeo

de Uzeda de Uzeda em Festival de Oberhausen deste ano, parece buscar o corpo. O trabalho, com elementos minimalistas se opõem da pintura, forma de expressão que está performando o corpo.

Uma estrada inacabada do lado de um rio que traça o corpo, a câmera parada registra a partir da sua posição e o corpo mantém a posição de um homem que vem do lado de lá. A luz é dura. De perspectiva, o corpo mantém a posição e o corpo mantém a posição, o corpo mantém a posição, o corpo mantém a posição.

O movimento do vídeo de Uzeda de Uzeda em Festival de Oberhausen deste ano, parece buscar o corpo. O trabalho, com elementos minimalistas se opõem da pintura, forma de expressão que está performando o corpo.

Em "Men and Her", obra de Marina Abramovic, o vídeo



"Passing the Memory", trabalho da sérvia Marina Abramovic

VIDEOBRASIL Mostra gratuita no Sesc Pompéia lança livro e DVD até domingo

Chelpa Ferro faz performance hoje

PERFORMANCES

HOJE

21h - Chelpa Ferro

AMANHÃ

14h - mostra de vídeos de Ingrid Mwangi

QUINTA

21h - Marco Paulo Rolla
Lançamento do livro "Manifestação Internacional de Performance", de Marco Paulo Rolla, Marcos Hill, Renato Cohen e outros

SEXTA

14h - mostra de vídeos "Marina Abramovic - programa 1"
17h - mostra de vídeos "Marco Paulo Rolla"

SÁBADO

11h - encontro com Teresinha Soares
21h30 - Eder Santos, Paulo Santos, Stephen Vitiello e Ana Gastelois

DOMINGO

10h às 21h - mostra de vídeo "Antologia Videobrasil de Performances"
17h - mostra de vídeos "Marina Abramovic - programa 2"

» Onde: Sesc Pompéia (L. Chã, 93, Lapa, tel. 3871-7700)
» Quanto: entrada gratuita

ADRIANA FERREIRA
DA REPORTAGEM LOCAL

Não é por acaso que a performance é o tema da 15ª edição do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, em cartaz até domingo no Sesc Pompéia. Em um cenário em que as pessoas são brindadas diariamente com notícias de ataques terroristas, "mensulinhos", terremotos, esse gênero, que surgiu nos anos 50 com a intenção de aproximar a arte do cotidiano e, principalmente, de questionar a crise das instituições, se torna mais atual do que nunca.

Além de uma série de mostras de vídeo e de performances, a associação Videobrasil amplia o debate sobre o assunto lançando o "Caderno Videobrasil" (R\$ 20) e o DVD "Antologia Videobrasil Performance" (R\$ 25).

"A intenção é tirar o caráter de efemeridade do evento", explica Solange Farkas, 50, diretora e curadora do festival. "São poucas as publicações que dão visibilidade a esse circuito do [hemisfério] Sul."

Entre os destaques do livro, está um mapa com as datas mais representativas para a performance, um texto de Luiz Camillo Osorio sobre Elvino de Carvalho — pioneiro nesse gênero artístico no Brasil — e uma entrevista inédita com a performer sérvia Marina Abramovic, que fala sobre a re-



Marco Paulo Rolla, que faz performance na quinta no Videobrasil

trospectiva de seus trabalhos, entre os dias 11 e 18/10, no museu Guggenheim de Nova York.

"Estávamos contando muito com a presença dela [Abramovic] para falar sobre seu processo. Tentamos suprir de alguma forma sua ausência", diz Farkas.

Ao lançamento do caderno, agregam-se ainda uma série de performances que ocorrem nesta última semana, começando hoje, pela apresentação do grupo carioca Chelpa Ferro (veja ao lado).

Na quinta, há o lançamento de outro livro, "MIP - Manifestação Internacional de Performance" (Ceia, R\$ 80), com textos de Mar-

cos Hill e Renato Cohen, entre outros. Na mesma data, Marco Paulo Rolla, um dos autores dessa obra, faz "Urgência Social", em que, segundo ele, "lida com questões do contato social". No sábado, Eder Santos, Paulo Santos, Stephen Vitiello e Ana Gastelois mostram "Engrenagem".

No domingo, também serão anunciados os vencedores da última mostra do festival, que reúne jovens realizadores. Os premiados dos dois primeiros panoramas são os brasileiros Cao Guimarães e Luiz Duva e os argentinos Graciela Itquieta e Federico Lamas.

VIDEOBRASIL Teresinha Soares, pioneira em happenings em

Minas nos anos 60 e 70, participa de bate-papo no Sesc Pompeia

SP vê Teresinha, a performer que abalou BH

ADRIANA FERREIRA
DAQUILO QUE É CULTURA

Toda criança conhece suas lendas. Uma das que permanecem na memória dos bairros baianos é a do ano de 1972, uma madrugada zanzouso e com um brilho de luzes. Aí, no centro, e encimada em frente ao Palácio das Artes, dois enormes rostos apareceram, com uma massa, línguas e esparramadas nos pés de um boneco maluco, enquanto o público acompanhava o espetáculo.

Por um o final do happening "Desarmado" e realizou uma plateia para a série de "oculturas" protagonizadas por Teresinha Soares, uma pioneira da arte visível. Ela mesma, que nasceu no estado de Minas Gerais, em 1927, fez uma montagem de registros de sua época, em três papéis como o que costumava fazer no Sesc Pompeia, para parte do vídeo final.

"Teresinha era um gênio na década de 70", conta o crítico Manoel Paulo Bello, um dos seus alunos, em um vídeo de 2004.

Entre 60 e 70, ela se propôs a descobrir em seu próprio país, muitas das coisas que já haviam sido descobertas em outros países. Ela foi a primeira a trazer para o Brasil as ideias de artistas como Marina Abramovic, Joseph Beuys, e outros.



Teresinha em ação na performance "Desarmado", em 1971

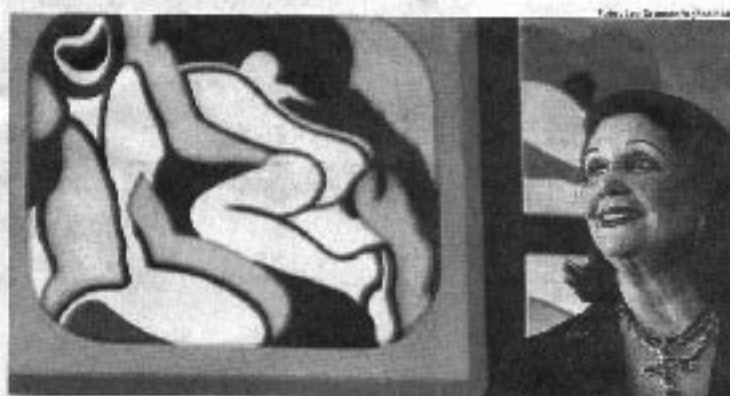
dele, de acordo com o vídeo.

"Ela nunca tentou trabalhar de outra maneira, sempre foi muito simples e direta", afirma Bello.

Sem registros em vídeo, como costuma acontecer com a maior parte do gênero, as experiências de Teresinha desapareceram do mundo das artes plásticas. Até época, no entanto, da sua época, ela fez um vídeo de suas experiências em outras duas imper-

tes como "Do Corpo à Terra", que ocorreu em abril de 1970, no Espaço Municipal de Belo Horizonte, e outra, "Artes Plásticas e do Espaço", em 1970.

"Desarmado", que ocorreu em 1971 no III Bienal Internacional de São Paulo, ficou por sete meses no "Túnel de Vela, Museu de Arte Moderna", que começou em Minas Gerais em Belo Horizonte e



Artista plástica e performer mineira Teresinha Soares, que atuou em Belo Horizonte nos anos 60

São Paulo. "Essa foi uma de minhas performances mais significativas. Foi um momento das três décadas", afirma Teresinha.

No primeiro vídeo, de imagens de um corpo humano em movimento, ela fez uma montagem de suas obras. "No Rio de Janeiro, eu fiz uma obra de poesia, foi chamado de 'O corpo humano descoberto'", diz.

No vídeo de seu livro "A Arte do Corpo", ela fez uma obra de arte chamada "Mãos Não Há Mais", de Manoel Bello, publicada pelo "Jornal de Brasília", em que ele realizou as performances de Ter-

resinha. "A minha intenção era que não fossem apenas de produção artística", diz Teresinha.

Um ano depois que "Tudo em mim está descoberto" saiu, ela fez um vídeo com 29 anos, considerado uma obra de arte. "Desde os primeiros anos do cinema [ela] está sempre criando. Não quer que ninguém descubra o que ela está fazendo", diz.

Depois de 20 anos nas artes plásticas, decidiu dedicar-se novamente para um vídeo. "Seu corpo descoberto" é um vídeo de 2004, em que ela realizou as performances de Ter-

resinha, acompanhada "Tudo em mim está descoberto" e "A Arte do Corpo". Ela fez um vídeo com 29 anos, considerado uma obra de arte. "Desde os primeiros anos do cinema [ela] está sempre criando. Não quer que ninguém descubra o que ela está fazendo", diz.

Encontro com Teresinha Soares

Onde: Sesc Pompeia
Endereço: Sesc Pompeia, Rua SCS, 100, 13117-000
Quarta-feira, 14h

Performance se ampliou, diz Lagnado

DEBORA LAGNADO

Nas últimas três semanas, performances de arte em espaços públicos e em locais não tradicionais tornaram-se um tema de destaque. Com isso, a arte tem se desenvolvido de forma progressiva e que se relaciona a performances locais. Para isso, diz o crítico Manoel Paulo Bello, um dos seus alunos, em um vídeo de 2004.

Folha - Qual a participação da performance na arte hoje?

Lagnado - O Sesc tem a performance tem sido muito importante. A arte tem se desenvolvido de forma progressiva e que se relaciona a performances locais. Para isso, diz o crítico Manoel Paulo Bello, um dos seus alunos, em um vídeo de 2004.

Folha - E o que caracteriza essas ações contemporâneas?

Lagnado - Essa questão se relaciona com o que se diz no que foi o período, porque há outras coisas que se relacionam a uma performance é uma experiência que acontece em um determinado espaço, no presente. O vídeo sempre esteve a performance como uma espécie de texto concluído. Em um espaço, na verdade, pois quando já aconteceu. "Clay Sculpture" — foi um Amílcar Páez artista brasileiro — tem feito a mesma coisa "presença", a experiência não deixa de ser a imagem de uma performance. Clay sendo "outra" coisa. Ou quando Lina Lina tem o corpo descoberto para fazer um vídeo, está também fazendo uma coisa que não é de uma obra de arte.

Folha - E qual tipo de performance costuma se fazer de 2004?

Lagnado - O desdobramento que me interessa, mesmo é a questão da participação do espectador no ato de arte. Não precisa fazer a figura do performer. Outro elemento tipo de acontecimento artístico. Quando, por exemplo, o trabalho de Lina Lina tem o corpo descoberto, mas não há, depois disso de fazer ou de imagens impressas para cada um fazer, para isso, está interpretando o corpo descoberto.

Folha - Como essas artistas "vendem" seu trabalho?

Lagnado - Não acho que seja que vive de seu trabalho como performer. Não posso estar muito informado. Talvez se conheça o trabalho de Lina Lina. Mas não tenho, mas de fazer cultura, filmes, tem um vídeo enorme para sustentar as performances. Isso afirma, tem sim, que o MAM-SP foi o primeiro museu brasileiro a comprar duas performances de Lina Lina. Como é muito pouco "performer", não deve estar, não vejo problemas em pagar o que se paga de arte, como se fosse uma obra de arte.

Festival Videobrasil: ainda dá tempo

Data-limite para fazer a inscrição da mostra competitiva do Festival Internacional de Arte Eletrônica foi prorrogada e vai até o dia 29

ISABELLA MATHEUS/DIVULGAÇÃO



EDIÇÃO ANTERIOR - Nortec Collective, grupo mexicano que mistura imagens e música eletrônica

EVENTOS

Roberta Silva

As inscrições para o 15.º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil foram prorrogadas até o dia 29. Qualquer obra feita em vídeo (nos formatos Beta, DigiBeta, MiniDV e DV-R), CD-ROM, DVD-ROM e trabalhos para internet pode competir.

As criações enviadas devem pertencer a artistas de língua portuguesa e de países do circuito sul: América Latina, Cari-

be, África, Sudeste Asiático, Europa do Leste, Oriente Médio e Oceania.

A mostra competitiva vai selecionar três obras que se destaquem pela inovação no processo de pesquisa, pela realização coletiva ou por ampliar o estado de arte do Hemisfério Sul.

O evento, que se realiza entre os dias 6 e 11 de setembro no Sesc Pompéia, também vai contar com mostras de obras paralelas e performances de artistas, como a do grupo Nortec Collective, que se apresentou na última edição do festival, em 2003.

A exposição será aberta ao público e os vídeos escolhidos vão ser apresentados em outras cidades. Os vencedores ainda ganharão uma bolsa de estudo em centros de mídia como o Le Fresnoy na França.

O festival é realizado pela Associação Cultural Videobrasil há mais de 20 anos e tem como objetivo descobrir as mais novas tendências e transformações da produção audiovisual.

Quem quiser participar da mostra pode encontrar mais informações no endereço www.videobrasil.org.br.

Arte eletrônica busca saída para crise

Retomada da performance é um sintoma de desconforto e desconfiança com o mercado e as instituições artísticas

Artigo de **Conceição Fátis**

Nos últimos tempos, a arte eletrônica tem se mostrado uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*. A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*. A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

NO PASSADO, POSTURA RADICAL DE ARTISTAS LEVOU À MUTILAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO

Em São Paulo, dedicada à performance, que investiga o corpo e o espaço, a arte eletrônica se afirma através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*.

Em São Paulo, dedicada à performance, que investiga o corpo e o espaço, a arte eletrônica se afirma através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*. A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

o próprio corpo que nem dá para ver a câmera ao entrar e sair do espaço por onde se circula. A grande arte de vídeo é a obra de Marina Abramović, por exemplo, porque mesmo desconhecendo a história da arte quando começou sua carreira em 1964, nasceu a partir de um desejo de criar a arte de vídeo. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968.

Claro que, nos anos 1970, não havia apenas performance nos espaços como Marina Abramović e Ulay. Outros artistas, como Marina Abramović e Ulay, também estavam trabalhando em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968.

Essa não parece ser a única maneira de se afirmar através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*.



Novos - Filme de vídeo e ações de vídeo Marina Abramović e Ulay

representa simbolicamente a linguagem dos corpos em interação, refletindo a maneira como o corpo se apresenta no mundo global. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*.

O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*. A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

performar Coco Fusco. Assim, a vídeo arte existe e vive de forma, sua primeira função de manter o tempo. Assim como os primeiros que usaram a mídia eletrônica nos anos 1960, para criar as performances - especialmente John Cage, que explorava o limite entre a arte e a ciência - a vídeo arte se tornou uma linguagem para a arte. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968.

Uma das primeiras a trabalhar com vídeo foi a artista americana Marina Abramović. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968. Ela começou a trabalhar em uma galeria de vídeo em Nova York em 1968.

Essa não parece ser a única maneira de se afirmar através de uma série de ações e intervenções. O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*.

O destaque para isso é o artigo "Retomada da performance" no número de setembro de 2005 da revista *Arte e Cultura*. A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

DESTAQUES

MARINA ABRAMOVIC - A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

THE ARTIST IS PRESENT - A obra de Marina Abramović e Ulay, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

MELATI SUKSES - A obra de Melati Sukses, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

INTELLIGENCE - A obra de Intelligence, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

EXPERIÊNCIAS - A obra de Experiências, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

EXPERIÊNCIAS - A obra de Experiências, "The Artist is Present", é um exemplo de uma performance de resistência que se afirma através de uma série de ações e intervenções.

Caminhos da performance

Convidadas do 15.º Videobrasil, Melati Suryodarmo e Coco Fusco surpreendem com seus trabalhos

Cecilia Molins

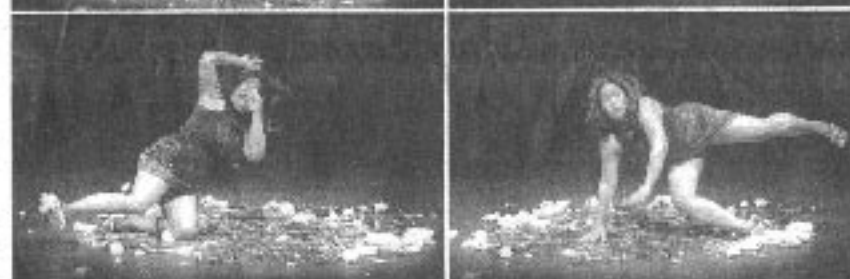
Quinta-feira à noite, no Sesc Pompeia, uma mulher recostada contra o chão, o corpo, empilhado de painéis verticais dança sobre 40 tabletas de madeira. Ao som de tamborim, ela vai avançando com os pés, cada vez mais, o chão escorrega no chão sempre para trás - e já não se sabe se sua dança é feita de passos ou de gestos de autocontato de seu corpo. Seus olhos estão fechados, ela encara o público que muitas vezes ri de sua ação. A mulher deve juntar força para se equilibrar, não cair. Mas durante cerca de 10 minutos, focando tombos, alguns de les violentos. O que acontece naquela espaço e tempo?

Trata-se de uma performance da artista Melati Suryodarmo, um dia daqueles no 15.º Videobrasil, que tem como tema central o gênero performático. "Não fiquei machucada. Foi dança e uma professora do Japão, me ensinou a proteger o meu corpo", defende a artista. Em sua primeira passagem pelo Brasil, aos 36 anos, Melati, nascida na Indonésia, mas que

INDONÉSIA DANÇOU SOBRE MANTIGA E AMERICANA FEZ AÇÃO POLÍTICA

vive na Alemanha há sete anos, fez uma apresentação que deixou o público pasmo, eivado até mesmo depois que se vê o momento os registros fotográficos de sua ação, *Exercice - Body Dance*. "Compartilho a performance com o público. Ele tem liberdade total para interpretar o que está se fazendo", diz Melati, que integra o Independent Performance Group, fundado pela sãrvia Marina Abramovic, um das grandes nomes do gênero performático nascido durante de 1970. "Acredito que o corpo tem um poder enorme psicológico que influencia nossa vida presente e futura."

Poderíamos pensar nas questões de equilíbrio precário e do autocontato são presente em sua performance, mas, como afirma a artista, sua ação



1. Coco lidera ação sobre a humilhação nas prisões americanas 2. Melati numa seqüência de seu trabalho

é parte de um trabalho autobiográfico. Seu trabalho fala de um processo de identidade, de mudança e choque culturais. "Nasci na Indonésia e fui para Alemanha. Para mim, o processo cultural é rápido, como um pulo", conta a artista. Ela usa de contradições - a música simbólica sua terra natal, mas o vestido, e os sapatos, outra cultura. Aquela mulher, vestida daquela jeito, parece querer se adequar a outras hábitos que não os de seu lugar de origem.

Ja a artista americana Coco Fusco optou pelo viés estritamente político. Na sexta-feira, 12/09, sob muito sol, Coco chegou uniformizada, como militar, liderando um grupo de 50 pessoas, vestidas de marinhas e de soldados, como prisioneiras americanas. Elas marcharam sob o orden de Corei autoritária com um megafone, como o consulado americano em São Paulo. Porém, ajeitadas, começaram a dançar o cano com escovas de dentes. "Essa ocorre em todas as prisões americanas, tanto nas da RCA como nas de Abu Ghraib e Guantanamo. Os soldados fazem as prisioneiras limpar as celas com escovas. A humilhação faz parte da disciplina das prisões ocidentais", diz Coco, que há 20 anos trabalha sobre as relações de poder. Sua coreografia performance, que durou 15 minutos, intitulada *Body Life Story 02*, é a primeira de uma série sobre o papel das mulheres militares americanas - como vimos em imprensa, elas também torturam. São as coreografias de performance no Videobrasil apresentadas muito mais tarde, a do grupo *Motomutius* e, ainda no mesmo dia, as ações da artista *Moving's actions* a Daria Galvão.

15.º Videobrasil
Sesc Pompeia, R. Ueta, 99 - 05711-700, 3.ª e com. 12h às 21h (exposições, encontros, debates, mostras de vídeo, livraria e bar); a partir de 21h (performances); e 22h (V. Night). Grátis. Até 20/9. Informações pelo www.videobrasil.org.br

Aqui, a obra de arte se move

A 15ª edição do Festival de Arte Eletrônica Videobrasil começa hoje com a apresentação de 130 trabalhos de diversos países, durante três semanas no Sesc Pompéia. Neste ano, o destaque são as performances

GRÁFICA/OLIVEIRA

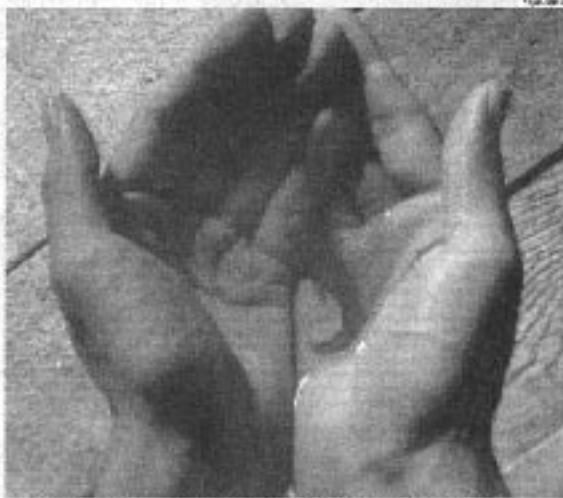
Com o objetivo de trazer à tona a variedade presente na produção audiovisual, o Festival de Arte Eletrônica chega à sua 15ª edição, no Sesc Pompéia. "A América Latina já tem uma produção bastante rica de vídeos, o Leste Europeu também, há tempo, mas em outros lugares o vídeo está quase não usado, ainda é difícil encontrar vídeos independentes, experimentais e com forte discurso. Logo quando se fala em vídeo, mais uma vez temos coisas de outro mundo", que garantem novidades a todos os públicos. A programação, de três semanas, inclui filmes e instalações de 130 trabalhos de mais de 40 países.

A mostra em questão foi desenhada especialmente para ser exibida durante o Festival de Arte Eletrônica, que acontece entre o dia 6 de setembro e o dia 26 de outubro, com cerca de 100 obras de arte, incluindo instalações, vídeos e performances. O Festival também contará com uma programação de jogos eletrônicos.

A programação de filmes é curada por Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?

A programação de filmes é curada por Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?

Um dos grandes destaques desse ano é o trabalho de vídeo de Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?



O Festival será palco de exposições, mostras de filmes e cho performances

na arte performática e quase sempre a virar Brasil para o Festival - mas no último mês de setembro, a obra de Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?

O Festival ainda será palco de mais cho performances - ainda será palco de mais cho performances - ainda será palco de mais cho performances

abertura em parceria com o Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?

15ª Videobrasil - Sesc Pompéia, Rua 9300, 155, 05712-000, São Paulo, SP. Tel: (11) 2011-1111. Ingressos: R\$ 10,00. Mais informações: (11) 2011-1111.



Aproximando de performances, uma o vídeo performático de Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem? Mariana de Moraes, do Sesc Pompéia, e por quem?

FESTIVAL/VIDEOBRASIL

15ª edição do Festival Videobrasil mostra mais de 130 obras de diversas partes do mundo

São Paulo, (AF) - Hoje em dia é melhor usar a expressão "zonas de silêncio" para caracterizar os países periféricos, os do chamado Sul - não geográfico, naturalmente. É como diz Solange Oliveira Farkas, organizadora e curadora do Videobrasil Festival de Arte Eletrônica, que agora chega à sua 15.ª edição e mais uma vez tem como foco trazer à tona a videocarte produzida em países localizados fora do circuito estabelecido. "A América Latina já tem uma produção de mais de 20 anos, o Leste Europeu também, há tempos, mas em outros lugares o vídeo está aparecendo agora, ainda é frágil", contextualiza Solange. Ela cita a "África quase toda, o Caribe ilhado", mas há muitos outros lugares - no festival passado, por exemplo, o foco era a produção do Oriente Médio, em especial, a do Líbano.

Hoje, quando será inaugurado no Sesc Pompéia o 15.º Videobrasil, mais uma vez são as obras da "zonas de silêncio" que ganharão merecida visibilidade. Sim, será mesmo uma maratona, de três semanas, com direito à exibição de 130 trabalhos das mais distintas localidades.

Como agregar tanta heterogeneidade? Esta edição sofreu mudanças, foi ampliada. A mostra competitiva foi desmembrada em três eixos, um para cada semana - Estado da Arte, de amanhã (6) a domingo (11), com obras de artistas já conhecidos; Investigações Contemporâneas (dos dias 13 a 18, com foco nas pesquisas recentes); e Novos Valores (entre os dias 20 e 25, com trabalhos de jovens criadores). O júri será formado por Marcos Moraes, da Faap; a escritora queniana Yvonne Adhiambo Owaor, a artista plástica mexicana Jimena Cuevas e o ensaísta argentino-israelense Sergio Edelsztejn.

Além disso, o 15.º Videobrasil não se limitará a destacar localidades: seu tema principal é a performance. "Há uma retomada

da performance na cena artística contemporânea e uma proximidade entre ela e o vídeo. Um potencializa o outro", diz Solange. Se inicialmente o vídeo servia apenas como meio de registrar a ação performática de um artista, hoje em dia a mídia é usada como parte da obra - em alguns casos, o criador leva em conta o relacionamento com a câmera, como no trabalho *My Possession*, de Ingrid Mwangi, de Nairobi, exemplifica a curadora.

Um dos grandes destaques desse eixo curatorial é o trabalho da iugoslava Marina Abramovic (Belgrado, 1946), já de longa época, desde a década de 1970, artista que usa seu próprio corpo em suas ações - muitas vezes envolvendo situações de risco de exaustão e de dor. É uma pioneira na arte performática e quase chegou a vir ao Brasil para o festival - mas no último momento cancelou sua vinda por conta de sua retrospectiva marcada para outubro no Guggenheim de Nova York. O Videobrasil apresentará na quarta-feira (7), quinta (8) e domingo (11), às 17 horas, no auditório do Sesc Pompéia, uma condensada retrospectiva de Marina Abramovic com obras realizadas entre 1975 e 1980 (haverá reexibições nos dias 18 e 23). Ao vivo, o que se poderá ver ligado à iugoslava é a performance da indonésia Melati Suryodarmo, aluna de Marina que apresentará ao público, na quinta-feira, seu trabalho sobre o autocontrole.

Além de Melati, o festival ainda será palco de mais oito performances - e tudo será filmado, transmitido e transformado em edição. Hoje, na abertura do Videobrasil, o grupo Frente 3 de Fevereiro apresentará o trabalho *Futebol*, sobre a questão do racismo. Ainda participarão, ao longo das três semanas, o grupo Chelpa Ferro (formado por Luiz Zerbini, Barrão e Sérgio Mekler, um dos representantes brasileiros na Bienal de Veneza e, como diz Solange Farkas, o Chelpa

"nasceu" no festival); o artista Marco Paulo Rolla; a dupla Angela Datencio e Rafael Lann; Ingrid Mwangi; o grupo Feitoamãos; e Eder Santos. "A questão política vem à tona na maioria dos trabalhos dessa retomada da performance. Por ser política, a performance não encontra seu espaço, assim como acontece com o formato vídeo", diz a curadora Solange Farkas.

Segundo ela, além de abrir espaço para as ações performáticas, há, sim, no festival, uma preocupação em abordar e contextualizar o lado histórico desse gênero, que, digu-se, remota de muito tempo (há manifestações do início do século 20). Na revista que o Videobrasil lançará no dia 15 há uma cronologia histórica da performance, desde as *action paintings* do pintor americano Jackson Pollock até os dias de hoje e uma grande entrevista com Marina Abramovic. Ocorrerão, também, debates e encontros com artistas.

Há o tema da performance, mas a grande bandeira do festival é sempre ser "uma vitrine da produção do Sul", como defende Solange Farkas, que criou o Videobrasil em 1983 - e desde 1992 o evento é patrocinado pelo Sesc São Paulo. "Temos de proteger essa produção, meio virgem, para que chegue ao desgastado circuito do Norte e para também promover a circulação Sul-Sul", diz a curadora. No início do ano ela realizou um evento multimedial paralelo em Salvador, a Mostra Pan-Africana, com obras que traçavam a relação Brasil-África e nossa identidade.

Serviço:

15.º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, Sesc Pompéia, Rua Clélia, 93, tel. 3871-7700. As atividades ocorrem de 3.ª a dom., nos seguintes horários: 10h às 21h (exposições, encontros, debates, mostras de vídeo, livraria e bar); a partir de 21h (performances); e 22h (VJ Nights). Grátis. Até 25/9. Abertura hoje, 21h, para convidados.

A narrativa digital da periferia

stival reúne em São Paulo 130 trabalhos áudio-visuais produzidos em suportes eletrônicos do chamado eixo sul

André Dib

ESPECIAL PARA O DIÁRIO

A cada dois anos, São Paulo sedia o Festival Internacional de Arte Eletrônica, uma vitrine do que de mais recente se produz em suportes eletrônicos em países periféricos. Sua 15ª edição acontece de 6 a 25 de setembro, no Sesc Pompéia. A realizadora, Associação Cultural Videobrasil, entidade pioneira no campo da pesquisa e incentivo ao tema, anunciou os vídeos selecionados para mostra competitiva. Risco é o tema da edição 2005, uma boa palavra para resumir o espírito de liberdade e experimentação comum às obras, muitas delas situadas na vanguarda das artes contemporâneas.

Do exterior, participam vídeos do Líbano, Israel, Austrália, Irã, Caribe, África do Sul, Romênia, Hong Kong, Quênia, Eslovênia, Marrocos, Bielorrússia, e quase todos os países da Amé-

rica Latina, o que demarca um eixo sul não-geográfico, formado por países periféricos ao discurso eurocêntrico. Do Brasil participam obras como o poético *Concerto Para Clorofila*, de Cao Guimarães, uma colagem feita com texturas extraídas de formas da natureza vegetal e mineral. O vídeo passa o mesmo clima etéreo e contemplativo de *Da Janela do meu Quarto* (2004), com um pouco mais de abstração. *Território Vermelho*, documentário de Kiko Goifman (33), retrata um cruzamento de vias urbanas pela ótica de vendedores ambulantes.

Despertam a curiosidade os paulistas *Operação Cavalos de Tróia*, sobre gente que entra nas raves sem pagar nada, e *Trópico de Capricórnio*, onde travestis filmam os próprios depoimentos e movimentos dentro de um quarto. Há também o carioca *88 de 14000*, um *looping* que mostra os retratos de reféns executados durante a guerra do Camboja, e o curta *O Fim do Homem Cordial*, do baiano Daniel Lisboa, cen-

surado num festival da Bahia no mês passado por mostrar o rapto do senador Antonio Carlos Magalhães por um grupo de pobres rebeldes. Alguma semelhança com *Resgate Cultural*, da Telephone Colorido?

No total, são 130 vídeos, selecionados de um total de 652 trabalhos provenientes de 41 países pertencentes ao "eixo sul", uma região imaginária, formada por nações periféricas à Europa e América do Norte, segundo define Solange Parkas, curadora do festival e diretora da Associação Cultural Videobrasil. Ao reunir a produção de diferentes culturas, coisa improvável de acontecer sem um projeto dedicado a esse fomento, a instituição estimula o intercâmbio entre artistas distantes. Além do festival, a ACV promove mostras e curadorias, como a *Mostra Pan-Africana de Arte Contemporânea*, o projeto *FF Dossier*, que mapeia artistas que produzem para a internet, e se prepara para lançar seu extenso banco de dados em versão online.



Trópico de Capricórnio (no alto) é filmado e protagonizado por travestis paulistas; o baiano *O Fim do Homem Cordial* encena um rapto do senador Antônio Carlos Magalhães

Pernambuco presente na Panoramas do Sul

Sertão de Acrílico
é um ensaio poético
sobre a região



Dois pernambucanos competem na *Mostra Panoramas do Sul* do 15º Festival de Arte Eletrônica: Marcelo Gomes e Marcos Costa. Diretor do premiado *Cinema, Aspirinas e Urubus*, Gomes apresenta seu novo trabalho, o curta experimental *Sertão de Acrílico Azul Piscina*, dirigido em parceria com Karin Ainouz (de *Madame Satô*). Com passagem pelo festival de Oberhausen, na Alemanha, o vídeo documenta cenas do Sertão nordestino contemporâneo - figuras humanas, devoção religiosa, sol escaldante - em trechos filmados em diferentes suportes, como o super 8, sli-

des fotográficos e 16mm. *Sertão de Acrílico* na verdade é um exercício de 26 minutos, que surgiu após o desenvolvimento do roteiro para o longa *Carranca de Acrílico Azul Piscina*, recentemente aprovado pelo *Petrobras Cultural*.

Segundo Gomes, o filme será "um ensaio poético sobre o Sertão", com ainda 60% das imagens a serem captadas, previstas para janeiro de 2006. "Foi o resultado de um primeiro exercício do olhar, buscando com as imagens captadas uma estrutura para o filme. O resultado da montagem nos orientou em direção a uma versão

longa", explica Gomes. A união com o diretor cearense Karim Ainouz para o projeto foi algo natural. "Conheço Karim já faz muito tempo, há dez anos. Tínhamos muita vontade de fazer um documentário que fosse uma visão pessoal, particular sobre o Sertão", conta o pernambucano.

Por sua vez, Marcos Costa participa com *Vende-se Este Rio*, o registro audiovisual da intervenção de mesmo nome, feita no ano passado, durante a *Semana de Artes Visuais - SPA*. Nele, um ambulante (Gerson Lobo, que também faz a narração) se instala numa

ponte do Recife para vender o rio Capiaribe a varejo. Na trilha sonora Chico Science e Nação Zumbi (*Batu Ambiental*), além de Carlos Mascarnhas. Em sua primeira versão, fei no ano passado, participou da *Mostra de Vídeo do Recife*. Na segunda, que ganhou um tratamento de imagem trechos de *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa, participou do *Cli PE, Cine Ceará* e do *Santa Maria Cine e Vídeo*. "É um namoro com o livro sobre o rio que está sendo abandonado, o retirante, uma gama de signi-cações", descreve Costa.(A.D.)

Festival Videobrasil é vitrine eletrônica de países periféricos

Performances, retrospectiva e debates compõem programação do evento

André Dib

ESPECIAL PARA O DNREC

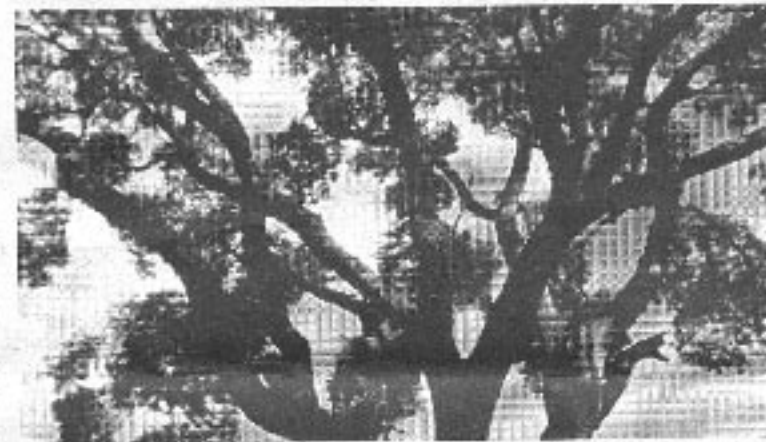
Comaça hoje, no Sesc Pompéia (São Paulo), o maior evento dedicado à arte eletrônica no País, o 15º Festival Internacional Video-Brasil. O evento é bienal, tem três semanas de duração, e traz nesta edição uma extensa programação ligada à performance e novidades no formato da mostra competitiva. Tem o vídeo como tema central, esta é a primeira vez que o festival se divide em três segmentos: *Estado do Arte*, dedicado a artistas com um trabalho já bem definido; *Investigações Contemporâneas*, reservado para pesquisas em vídeo; e *Novas Vozes*, com foco na produção dos jovens realizadores.

Os 100 trabalhos inscritos representam países da América Latina, África, Sudeste Asiático, Europa do Leste e Austrália, compondo um eixo sul imaginário, formado por nações periféricas ao eurocentrismo e ao norte-americanismo. Além da mostra, a programação conta com performances ao vivo, retrospectivas de vídeo, mesas de debate, festas comandadas por VJs, lançamentos, encontro com artistas e workshops diversos.

Já nesta primeira semana, entre as videastas presentes estarão Cao Guimarães (concerto para Clorofila), Rildo Gólfman (Território Vermelho), Marcelo Gomes e Karin Ainoz (Sítio de Arfão Azul Plano), Sérgio Rosenblit, mais o pesquisador Alípio Machado, além de autores de países longínquos, como Akram Zaitani (Líbano) e a escritora Yvonne Adhiambo Owuor (Quênia). Na segunda semana, destacam-se a exibição de Monteldazai, que registra a performan-



Foto: Divulgação



Vende-se este Rio, gravado às margens do Capibaribe, é único representante de Pernambuco na mostra

Concerto para Clorofila tem concepção do artista Cao Guimarães

ce do dançarino uruguaio Hiroshi Umeda, narrador em primeira mão de *Marcos e o Sewal Things Ti Say and Lá*, dos Libaneses Jeremiah Day e Nesrine Khodr. A maior leva de jovens descobertos está na terceira semana, talvez por isso mesmo a mais provocativa e promissora. A

maioria são brasileiros, ofuscados pela polêmica acendida pelo rapto fictício de Antonio Carlos Magalhães, em *O País do Ilham Coráai*, do baiano Daniel Lisboa.

De uma forma geral, o evento pretende revelar a quantas andam as expressões e investigações em torno da arte

eletrônica, em parte por promover o contato direto com produções específicas, mas principalmente por ser o lugar onde se cruzam tendências, pensadores e artistas do vídeo neste momento da cultura mundial, graças a este que pode ser o maior mérito do evento - o intercâmbio.

Vende-se este rio está na disputa do Videobrasil

Trabalho provocativo e performático do artista plástico pernambucano Marcos Costa, que propõe vender a granel a água Capibaribe, concorre hoje no festival paulista

MARCOS TOLEDO

Um único representante pernambucano participa da 15ª edição do tradicional Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil, cujo tema central, este ano, é o gênero performático. O artista plástico Marcos Costa é um dos 51 convidados da segunda das três semanas do evento e mostra hoje, no Sesc Pompéia (São Paulo), às 20h, *Vende-se este rio*, vídeo no qual registra a inusitada proposta de vender a granel do Rio Capibaribe.

Na obra, o ator Gerson Lobo chega à Ponte Duarte Coelho, que liga as avenidas Guanabaras e Conde da Boa Vista, no Centro do Recife, e monta um tabuleiro de caracol. Em seguida, arremessa um balde amarrado a uma corda no Capibaribe, de onde recolhe um pouco da água do rio, que é depositada em pequenos sacos plásticos. De trás do personagem, uma faixa anuncia: "Vende-se este rio".

A performance, claro, atrai os olhares de curiosos e alguns chegam a interagir com o artista. Até uma equipe de TV chega para conferir a proposta insólita. Em resposta, o vendedor diz algo como "se vendem aqui, burro, por que o rio também não pode ser vendido?". Enquanto isso, em off, o espectador ouve trechos de *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa. Para o autor, o vídeo foi apenas uma consequên-

tevidido em Pernambuco no último Cine-PE: Festival do Audiovisual – quando o impacto de sua apresentação foi prejudicado pela deficiência da projeção, sobretudo do som – e em Estações Cívico Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal. *Vende-se este rio* integra o vídeo Brasil mostra Investigações Contemporâneas e disputa o prêmio Criação Audiovisual Le Fresnoy – França. O diretor Marcos Costa ainda participa de várias mesas-redondas.

Para participar de sua primeira mostra internacional, o autor precisou legendar a cópia em inglês, para ele, uma ação difícil devido à peculiaridade da estrutura linguística e da narrativa da obra do escritor mineiro.

MAIS CURIOSIDADES – O Videobrasil começou no último dia 6 e se estende até 25 de setembro, com toda a programação gratuita, dividida em três semanas. Além das pesquisas em vídeo que compõem a mostra Investigações Contemporâneas, há debates, exposições com obras de artistas consagrados, exibição de filmes e performances.

No rol de interpretações mais inusitadas, no último sexta-feira o artista norte-americano Coco Fus-

co reuniu 50 alunos da oficina de performance do festival para encenar uma limpeza da rua defronte ao Consulado dos Estados Unidos. Ela, no papel de uma militar, e os demais vestidos como prisioneiros de guerra e usando escovas de dente na tuxina.

Para ontem à noite, o coletivo mineiro "festicamões" prometia a intervenção intitulada *Cerro-bomba*, na qual sincroniza música e imagem. Três telas envolvem o público projetando vídeos como o da explosão de uma Kombi, que o próprio grupo comprou e destruiu.

Sesc Pompéia é vitrine da arte eletrônica do Mundo

Festival exhibe 280 produções, 130 em competição, até o próximo domingo

André Dib

BRASÍLIA/RECIFE

SÃO PAULO - A terceira e última semana do Festival Internacional de Arte Eletrônica Videó Brasil, que acontece até domingo no Sesc Pompéia, tem sido uma boa mostra da atual produção experimental nos países periféricos à Europa Ocidental e aos EUA. Os 130 participantes da mostra competitiva foram escolhidos mediante sua capacidade de articular renovações estéticas. A maioria deles cria exercícios de forma, alguns com conotações político-sociais, divididos em três eixos: *Estado da Arte*, voltado para artistas veteranos; *Investigações Contemporâneas*, para obras que experimentam novos recursos de linguagem; e *Novos Vícios*, em que participam jovens realizadores.

As categorias são premiadas com um valor em dinheiro e pontos de residência na França, Inglaterra e Brasil. Entre as vencedoras das duas primeiras semanas, estão *Concerto para Joffrey*, uma declaração de amor à natureza de Cao Guimarães, e *Bojar*, do argentino Federico Lamas. A instalação *Pérola: Estudo para Auto-Retrato 1*, de Luis Duya, ficou com o Prêmio de Criação Audiovisual Le Fresnoy - França, que dá direito a uma estadia de três meses no centro de mídia francês, com apoio logístico e meios técnicos para a execução de uma obra audiovisual.

Risco é sinônimo de liberdade, e a maioria dos trabalhos expostos no eixo *Novos Vícios* negam as formas tradicionais de expressão para



Roger, uma produção argentina, tem direção de Federico Lamas e faturou prêmio na segunda semana

buscar outras, ainda em formação. Colocando-as lado a lado, fica claro que elas conversam entre si, dando a impressão de que poderiam ter sido feitas em qualquer parte do mundo. Esse é o caso dos vídeos em loop *Algo Fosse Fosse*, da argentina Victoria Sayago, 88 de 14100, da brasileira Alice Miceli, e *Vê Também Tálio Wright*, do libanês Ziad Antar. O último já trabalhou com o veterano Akram Zaatari (que também participou do festival), mas diferente do mestre, não mantém ligação com a terra natal, muito menos com qualquer narrativa usual. Para ele, negar as formas típicas de produzir um audiovisual é também uma maneira de manter a independência artística.

Mais ligado a seus países estão o vídeo *Inclonemos Isso Ambr La Ley*, do argentino Sebastian Diaz Morales, que mostra cenas de protestos em Buenos Aires, e *De outro lado*, de Ali Cherrí, ao fazer uma reflexão sobre o fim da guerra civil no seu país. Até o momento, o vídeo mais aplaudido foi *O fim da fionem Cordul*, do brasileiro Daniel Lisboa. Nele, um grupo de seqüestradores proclama o fim do coronelismo na Bahia ao torturar o senador Antonio Carlos Magalhães e exibido no telejornal local ao som de música palestina. No segmento das mídias interativas, Boom Banner se brinca com a possibilidade de publicar banner nos maiores portais de notícias do mundo. Alguns dos exemplos são

um banner de tiro ao alvo com Bin Laden no site da CNN, de Arafat na BBC e Severino Cavalcanti na Veja.

Com mais de 20 anos de existência, o Festival Internacional de Arte Eletrônica Videó Brasil cresceu em duração e número de trabalhos: 280 (130 em competição), distribuídos ao longo de três semanas (de 6 a 25 de setembro). Sediado e promovido pelo Sesc Pompéia, o evento está dividido em quatro eixos: a mostra competitiva (*Avanços de Sul*), performances, debates e antologias da arte eletrônica. Para isso, além dos espaços usuais do Sesc, foi criado um ambiente exclusivo para o festival, batizado Play Gallery.

■ O repórter viajou a convite do evento.

15ª edição do Videobrasil começa hoje, no Sesc Pompéia, em São Paulo. Festival vai reunir 130 obras do Sul do planeta

Mundo em foco

Stacy Ramez Rio

Três dias de debates de filmes, vídeos e peças teatrais para valer no "mundo" de São Paulo. O festival Videobrasil, que acontece de 6 a 11 de setembro no Sesc Pompéia, em São Paulo, vai reunir 130 obras do Sul do planeta. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil.



A jornalista e cineasta brasileira Stacy Ramez Rio em um momento de reflexão durante o festival.

Ao longo do festival, serão exibidos filmes, vídeos e peças teatrais de diversos países, com destaque para o Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil.



Um dos locais de exibição do festival, o Sesc Pompéia, em São Paulo.



Um dos locais de exibição do festival, o Sesc Pompéia, em São Paulo.

com a realização de uma quantidade de eventos paralelos, como oficinas, debates e mostras de filmes, o festival pretende ser uma verdadeira experiência cultural para o público. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil.

INSCRIÇÃO ABERTA O prazo para inscrição das obras vai até o dia 15 de agosto. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil.

O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil. O festival é organizado pelo Sesc Pompéia, em São Paulo, e é uma das principais iniciativas de promoção da cultura audiovisual no Brasil.

ARTES VISUAIS

Festival internacional movimentou o Sesc Pompéia e tem como marca a diversidade de pensamentos

Minas faz bonito no VIDEOBRASIL

Sérgio Roberto Reis
Da Folha Press

Num país que faz cara torta para aquilo que é diferente, ou, em questão de rotular tendências, o 15º Videobrasil é a prova de que, pelo menos no campo das artes, é possível conviver na mais perfeita harmonia com a diversidade de pensamentos. Sob o tema da performance, o encontro que acontece ao longo das últimas três semanas, no Sesc Pompéia, em São Paulo, reuniu representantes de várias partes do mundo em torno das reflexões das artes visuais e, ainda, de confluência das diversas expressões artísticas.

Sem beiradão, os mineiros não fizeram feio no festival. Além da premiação de residência em Londres, Inglaterra, concedida a Cao Guimarães pelo vídeo *Concerto para obovã* e da menção honrosa a Rodrigo Minelli, pelo trabalho *Mano - (Cory) sequência*, houve destaque para performances de artistas locais. Nas últimas dias coube à dupla formada pelo crítico e professor Marcos Hill e pelo artista plástico Marco Paulo Rolla a realização de workshop de performance.

Da investigação do tema pelas atitudes de várias partes do País nasceram performances, que toma-



Performance do mineiro Marco Paulo Rolla cria impacto em São Paulo

ram conta dos espaços do Sesc e proximidades. Não só os estudantes realizaram investigações na área. O próprio Marco Paulo Rolla causou fúria em uma das noites do evento ao subverter a ordem no coquetel de lançamento do livro *MPF - Movimento Brasileiro em Performance* - le-tudo às mil maravilhas quando, previamente combinado, um grupo de performers se lançou ao chão após ter quebrado diversos copos. As reações foram as mais diversas. Desde quem tirou sarro da iniciativa, até quem resolveu se jogar também ao chão e virar prota-

gonista da ação.

A inquietude causada foi apenas uma das ações que movimentou o Videobrasil. Ao longo das últimas semanas a maratona de exibição dos cerca de 270 trabalhos de várias partes do planeta foi o mote da discussão do impacto das novas mídias na produção artística, enfatizando aspectos como difusão, análise, pesquisa, experimentação e formação do acervo.

A agenda da expansão da programação em três semanas já não era concentrada em apenas um local, segundo a própria coordenadora

do evento, Solange Farkas, de 60 anos. "Tive uma mudança estrutural. Um salto equivalente a 1989, quando decidimos ampliar a programação para produções de todo mundo", explica. Contudo, com o resultado final, Solange Farkas diz que o Videobrasil permanece porque ainda mantém, após 23 anos do seu início a urgência. "O legal da arte eletrônica é que traz essa urgência que nenhuma outra mídia traz", afirma.

Para contento dos mineiros, a produção do Estado não faz feio nesta área. Solange Farkas vê em Minas uma produção pungente. A segunda maior do País. Parte dela motivada pelo sucesso das apostas da Imagem, produtora sediada em Belo Horizonte e que tem entre os sócios-fundadores o artista Éder Santos. "O fato de um deles ser um dos maiores artistas brasileiros na área e de ter optado por viver em Belo Horizonte incentivou outros a envolverem pelo mesmo caminho. Com isso, criou-se um polo de produção no Estado. Houve um momento em que várias obras se pareciam com as dele, mas os mineiros podem se contentar com ter um referencial de peso", conclui.

* Veja o cronograma do festival.

festival >>> Vai até domingo, em São Paulo, o 15º Videobrasil, um dos mais importantes festivais de arte eletrônica do País

Os novos talentos no vídeo



SÃO PAULO - O Videobrasil Festival de Arte Eletrônica chega à

sua 15ª edição e mais uma vez tem como foco trazer à tona a videarte produzida em países localizados fora do circuito estabelecido. "A América Latina já tem uma produção de mais de 20 anos, o Leste Europeu também, há tempos, mas em outros lugares o vídeo está aparecendo agora, ainda é frágil", contextualiza Solange Oliveira Farkas, organizadora e curadora do evento. Ela cita a "África quase toda, o Caribe ilhada", mas há muitos outros lugares - no festival passado, por exemplo, o foco era a produção do Oriente Médio, em especial, a do Líbano.

Mais uma vez são as obras das "zonas de silêncio" que ganharão merecida visibilidade na maratona de três semanas, com direito à exibição de 130 trabalhos das mais distintas localidades. A mostra competitiva foi desmembrada em três eixos, um para cada semana - Estado da Arte (de ontem a domingo), com obras de artistas já conhecidos; Investigações Contemporâneas (dos dias 13 a 18, com foco nas pesquisas recentes); e Novos Vetores (entre os dias 20 e 25, com trabalhos de jovens criadores).

O júri será formado por Mar-

cos Moraes, da Itap; a escritora queniana Yvonne Adhiambo Owiti; a artista plástica mexicana Ximena Cuevas e o ensaísta argentino-israelense Sérgio Lidélsztam. Além disso, o 15.º Videobrasil não se limitará a destacar localidades: seu tema principal é a performance. "Há uma retomada da performance na cena artística contemporânea e uma proximidade entre ela e o vídeo. Um potencializa o outro", diz Solange.

Se inicialmente o vídeo servia apenas como meio de registrar a ação performática de um artista, hoje em dia a mídia é usada como parte da obra. O Videobrasil apresentará hoje, amanhã e domín-

go, às 17 horas, no auditório do Sesc Pompéia, uma condensada retrospectiva da iugoslava Marina Abramovic, com obras realizadas entre 1975 e 1980. Ao vivo, o que se poderá ver ligado à iugoslava é a *performance* da indonésia Melati Suryodarmo, aluna de Marina que apresentará ao público, na quinta-feira, seu trabalho sobre o autorcontrole.

PERFORMANCES

O festival ainda será palco de mais oito performances - e tudo será filmado, transmitido e transformado em edição. Quem, na abertura do Videobrasil, o grupo Frente 3 de Fevereiro apresentou

o trabalho Futebol, sobre a questão do racismo. Ainda participarão, ao longo das três semanas, o grupo Chelva Ferro (formado por Luiz Zerbini, Barrão e Sérgio Mekler, um dos representantes brasileiros na Bienal de Veneza e, como diz Solange Farkas, o Chelva "nasceu" no festival); o artista Marco Paulo Rolla; a dupla Angela Datonico e Rafael Laín; Ingrid Whang; o grupo Falaunãkã; e Filer Santos.

Ocorrerão debates e encontros com artistas. A bandeira do festival é sempre ser "uma vitrine da produção do Sul", como defende Solange Farkas.

BUSCA RÁPIDA



Como participar
O 15º Festival Internacional de Arte Eletrônica Videobrasil acontece no Sesc Pompéia, em São Paulo (SP), na rua Clélia, 93. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 3871-7700.
O Videobrasil surgiu em 1963 e desde 1992 é patrocinado pelo Sesc São Paulo.